

Da vida dos arquivos anarquistas contemporâneos no Brasil¹

Edson Passetti

Professor livre-docente no Departamento de Política e Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, Brasil. Coordena o Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária). Atualmente é o pesquisador principal no Projeto Temático Fapesp *Ecopolítica*. Contato: passetti@matrix.com.br.

RESUMO:

A retomada dos anarquismos após a ditadura civis-militar mostra suas diversidades e variadas implicações políticas diante do *ingovernável*. O artigo situa a produção dos arquivos anarquistas como *arquivo monumento* voltada a práticas libertárias na atualidade. Discute a importância da universidade para os anarquismos contemporâneos, as implicações relativas ao uso da Internet e situa o momento da produção da verdade anarquista.

Palavras-chave: anarquismos, arquivos, universidade, internet, ingovernável

ABSTRACT:

The retaking of the anarchisms after the civil-military dictatorship shows their diversities and varied political implications facing the ungovernable. This article examines the production of anarchist archives as archive monument dedicated to today libertarian practices. The article discusses the importance of the university to the contemporary anarchism, the implications of the use of the Internet and it also analyzes the moment of the production of the anarchist truth.

Keywords: anarchisms, archives, university, internet, ungovernable

PASSETTI, Edson (2013). Da vida dos arquivos anarquistas no Brasil. *Revista Ecopolítica*, São Paulo, n. 6, mai-ago, pp. 54-81.

Recebido em 07 de junho de 2013. Confirmado para publicação em 20 de junho de 2013.

¹ Este texto está relacionado ao Projeto *Movimento social crítico e alternativo: memória e referências* (FCT nº: PTDC/CPJ-CPO/098500/2008) do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – ISCTE do Instituto Universitário de Lisboa, sob a coordenação do Prof. Dr. João Freire; apresentado no *XXIX Congresso Latino Americano de Sociologia*, panel 35, *Anarquismos na América do Sul*. Agradeço na realização da pesquisa e nas leituras deste texto aos pesquisadores do Nu-Sol: Salete Oliveira, Acácio Augusto, Gustavo Simões e Luíza Uehara.

Os arquivos e bibliotecas nos séculos XVII e XVIII eram expressões de escolha individual. Passaram, desde então, por um redimensionamento que os transformou em espaços para acumulação constante do tempo histórico a ser completado. Neles, buscam-se documentos e impressões originais, os exemplares inéditos, os atuais, as recentes decisões governamentais e acumulam, em seu interior, um possível da produção intelectual. Há diversas bibliotecas nacionais com esse objetivo, além das demais afeitas à circulação, as de escolas e universidades, de institutos, de associações e organizações. Procura-se, por meio de arquivos e bibliotecas, acrescentar o máximo do possível da humanidade, do planeta, do espaço sideral, dos povos, enfim, tudo que pode ser arquivado a partir da construção do Estado Nacional. Neste sentido, a Biblioteca do Congresso dos EUA é uma das pioneiras em adicionar em seu interior a produção da humanidade e tenta, também, à sua maneira, dar conta de arquivamento e disponibilização de obras e documentos produzidos no planeta. Formam-se assim os grandes arquivos, a partir do Estado Nacional.

O *arquivo anarquista* tomado em sua vitalidade, orientando e ao mesmo tempo sendo revisado pelas práticas atuais, deve ser visto como *arquivo monumento*, ou seja, aquele que é sempre acionado e revisitado a partir da luta social na produção dos enunciados. É desta perspectiva que os arquivos anarquistas devem ser também compreendidos a partir da prática libertária universitária atual, que expressa a mudança de referência com base não mais na produção do trabalho manual e os efeitos do industrialismo, mas na preponderância do trabalho intelectual, redimensionando a força de trabalho, muitas vezes em empreendedorismo. É desse modo que interessa, neste texto, lidar com a produção e manejo dos arquivos anarquistas. Acompanhando Michel Foucault,

chamarei de *arquivo* não a totalidade de textos que foram conservados por uma civilização, nem o conjunto de traços que

puderam ser salvos de seu desastre, mas o jogo das regras que, em uma cultura, determinam o aparecimento e o desaparecimento de enunciados, sua permanência e seu apagamento, sua existência paradoxal de *acontecimentos* e de coisas. Analisar os fatos de discurso no elemento geral de arquivo é considerá-los não absolutamente como *documentos* (de uma significação escondida ou de uma regra em construção), mas como *monumento*; é — fora de qualquer metáfora geológica, sem nenhum assinalamento de origem, sem o menor gesto na direção do começo de uma *arché* — fazer o que poderíamos chamar, conforme os direitos lúdicos da etimologia, de alguma coisa como uma *arqueologia* (Foucault, 2000: 95).

Os anarquistas desde o início foram internacionalistas e arquivaram documentações como registros de lutas, produções de suas práticas, vestígios de sua existência, com as diferentes marcas de todos os lugares, construindo os *seus* espaços de arquivamentos². Eles os compuseram sua *heterotopia de tempo*³, com inúmeras dificuldades, principalmente com

² O Instituto Internacional de História Social - IIHS (Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis — <http://socialhistory.org/>), foi criado em 1935 e sua função é a de “resgatar documentos”. Além de documentos sociais-democratas e comunistas, o arquivo também comporta arquivos anarquistas, considerados os mais completos. Neles estão os de Max Nettlau, Gustav Landauer, Emma Goldman e Alexander Berkman, além da coleção de Lucien Descaves sobre a Comuna de Paris. Sobre a América Latina informa: “depois que a pesquisa sobre o Brasil e a Argentina foi publicada, o IIHS e o Arquivo Edgard Leuenroth realizaram uma troca muito importante de microfiches e microfichas, aumentando enormemente seus acervos. As coleções completam-se porque o IIHS possuía mais material anterior a 1920, enquanto o Arquivo Edgard Leuenroth, muito mais de pós-1920. O IIHS recebeu microfichas de 251 periódicos diferentes e de 979 panfletos; a coleção não se limita apenas ao período anterior a 1940, mas abrange publicações realizadas até por volta de 1960. É impossível fazer cópias dessas microfichas”. Quanto aos movimentos chamados alternativos eles são, “geralmente, organizações muito regionalizadas, seus testemunhos escritos são difíceis de se obter e só são conseguidos *in loco*” (de Jong, 1996/1997).

³ “Há igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de

perseguições políticas. Assim sendo permanece compreensível porque diversos arquivos mais recentes são de consultas restritas, expressando uma conduta que repercute em segredos, pequenos círculos de poder, acessos restritos abonados, em nome da preservação da consulta por *verdadeiros anarquistas*. Ao mesmo tempo, tais interceptações facilitam outras práticas libertárias desvincilhadas de certo aprisionamento aos princípios históricos do passado considerados intocáveis, propiciando novas experimentações, e realçando para além da repercussão ideológica as novas configurações de resistências agenciadas pelas práticas do trabalho intelectual.

Os vínculos anarquistas com universidades, ao menos no Brasil, mostram o duplo efeito deste *acontecimento*. Sinalizam tanto para as pertinentes análises sobre os anarquismos na sociedade disciplinar a respeito da preservação da memória das práticas anarquistas, como convidam para equacionamentos do discurso anarquista na sociedade de controle, de comunicação contínua, quando a produção material e imaterial não prescinde dos efeitos computo-informacionais, e sob os quais se encontram os anarquismos das mais diversas procedências a partir do uso da internet. Os arquivos anarquistas, entretanto, não devem ser confundidos com *bancos de dados* tão em voga na atualidade, posto que a anarquia é sempre uma *heterotopia de percurso* (Passetti, 2003: 32-55).

1. Emergência dos anarquismos nos anos 1980-1990.

A retomada dos anarquismos na América do Sul coincide com o fim das ditaduras e a constatação que o anarquismo como movimento

todos os lugares, embora sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei em oposição às utopias, de heterotopias” (Foucault, 2001: 415). Os anarquistas pacifistas ou revolucionários “constroem *heterotopias*, lugares de contrapositionamentos no interior dos desvios insuportáveis para a nossa sociedade” (Passetti, 2002: 142).

e centros de cultura também chegou às universidades. No Brasil, as suas presenças na universidade passaram pela reversão no enfoque do movimento anarquista, não mais abordado somente por meio de teses acadêmicas que relacionavam o movimento à história da classe operária e à fundação do Partido Comunista, na década de 1920, enfatizando sua hegemonia de classe desde então, confinando o anarquismo ao desaparecimento e quando muito relacionado a associações culturais (Azevedo, 2002; Nascimento, 2006⁴).

Eram raros os estudos centrados na existência própria dos anarquismos. A chegada dos anarquismos à universidade brasileira está relacionada, em São Paulo e Rio de Janeiro, à reabertura, respectivamente, do Centro de Cultura Social e do Círculo de Estudos Libertários Ideal Peres, e em Santa Catarina à formação do NAT (Núcleo de Alfabetização Técnica). Todavia, no final dos anos 1970, a publicação do jornal *O Inimigo do Rei*, em Salvador-Bahia, retomou a publicação de periódicos anarquistas com um temário bastante controverso, ampliando as históricas reivindicações anarcossindicalistas e introduzindo a anarquia como um estilo de vida, acompanhando as liberações acentuadas desde o *maio de 1968* (Simões, 2007: 168-181; Baqueiro e Nunes: s/d).

A volta dos centros de cultura levou à sua associação com a universidade, principalmente na PUC-SP, com a presença de duas editoras com publicação anarquista — a Imaginário, inicialmente sediada em Brasília, como o nome de *Novos Tempos*, e depois transferida para São Paulo, e a editora Achiamé, no Rio de Janeiro —, ao evento *Outros 500. Pensamento libertário internacional*, ocorrido em agosto de 1992, no teatro TUCA, em São Paulo. Anarquistas de todos os cantos do Brasil,

⁴ A tese de Nascimento é acompanhada de CD com a coleção de *Floreal* (Revista); *Germinal* (Jornal); *A rebelião* (Jornal); *A Vida* (Revista), localizado no DP sob o nº DP/CD TD 300 N244i I e II (BNGK), disponível na Biblioteca Nadir G. Kfourri, Campus Monte Alegre/PUCSP.

da América do Sul e da Europa⁵, vieram para o encontro e com eles seu mais recente fluxo composto pelos anarco-punks, marcando, juntamente com outro evento realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, o início de uma relação intensa dos anarquismos com a universidade.

Em Campinas, São Paulo, na Unicamp, o arquivo de Egard Leuenroth⁶, com periódicos anarquistas da primeira metade do século XX, já estava instalado desde os anos 1980, por meio de cessão dos herdeiros, e recebia um espaço físico especial com equipamentos para consultas de pesquisadores e militantes. O arquivo do Centro de Cultura Social⁷ também tinha uma parte disponibilizada ao público, e a outra guardada pelo Coletivo Projeção, composto pelos principais resistentes do CCS-SP durante a ditadura civil-militar no Brasil, a saber: Jaime Cubero⁸, Edgard Rodrigues (2007), José Carlos Morel (2005), Ideal Peres⁹ e outros.

Os arquivos da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro e do Arquivo Nacional comportam livros de literatura social de anarquistas do início

⁵ Acompanhou o evento, registro em vídeo (Acervo Nu-Sol), e exposição *História e geografia do anarquismo*, organizado pelo CIRA — Centre International de Recherches sur l'Anarchisme (Acervo Museu da Cultura PUC-SP). Nesta ocasião estreitaram-se relações com os professores europeus e latino-americanos, em especial com José Maria Carvalho Ferreira, presença constante nos eventos anarquistas no Brasil e com Pietro Ferrua, para quem a revista *Verve* passou a publicar o seu acervo CIRA-Brasil.

⁶ http://segall.ifch.unicamp.br/site_ael/

⁷ <http://www.cessp.org>

⁸ Sobre arquivos do CCS, ver “Jaime Cubero e o movimento anarquista no Brasil”. In *Revista Utopia* n. 8. Lisboa, 1998, pp. 60-71.

⁹ O CELIP, Círculo de Estudos Libertários Ideal Peres, no Rio de Janeiro, apareceu em 1985, pela fusão dos antigos militantes do Centro de Estudos Professor José Oiticica (CEPJO), com os novos militantes do Círculo de Estudos Libertários (CEL), que resolveram reativar o anarquismo depois do curso livre *Anarquismo, por novas formas de organização social*, ocorrido em São Paulo, promovido pelo CCS e estudantes libertários do Centro Acadêmico de Ciências Sociais na PUC-SP. Nota-se, também neste caso, que a aproximação dos anarquismos com a universidade foi definitiva na configuração dos anarquismos a partir da década de 1980 e da reativação de antigas associações, organizações e federações.

do século, assim como algumas correspondências¹⁰ e certos periódicos¹¹; o mesmo ocorre com a Biblioteca Municipal Mário de Andrade, na cidade de São Paulo. Contudo o arquivo de periódicos do início do século XX mais completo é o Edgard Leuenroth, na Unicamp, enquanto que o do DEOPS (Departamento de Ordem Política e Social), o braço repressivo do Estado brasileiro é bastante incipiente¹². Há também arquivos pessoais do arquivista e historiador Edgard Rodrigues, o de Marcolino Jeremias, e de alguns anarco-punks isolados.

Na PUC-SP, onde o movimento estudantil, nas décadas de 1980-1990, era marcadamente anarquista (levado adiante pelo Centro Acadêmico de Ciências Sociais)¹³, desafiando e desacatando as autoridades ditatoriais, o anarquismo foi incorporado como matéria de estudo regular nas Ciências Sociais a partir de revisão curricular realizada por estudantes e professores de modo paritário em 1988, constando desde então de matéria de investigação e currículo. Posteriormente, o arquivo do movimento punk foi agregado a esta universidade no acervo do CEDIC – Centro de Documentação e Informação¹⁴. Ao mesmo tempo, na Unicamp,

¹⁰ A correspondência do médico anarquista Fabio Luz encontra-se no Arquivo Nacional com a referência “Fundo Fabio Luz”.

¹¹ Sobre a literatura social nesse período e as publicações anarquistas, ver Ramus de Aquino, 2011.

¹² Este arquivo abriga o conjunto de fichas policiais do DEOPS. A repressão política durante a ditadura de Getúlio Vargas tomou como alvo privilegiado os anarquistas e imigrantes nas primeiras quatro décadas do século XX. O conjunto de fichas do DEOPS com dossiês de perseguições aos militantes, associações e federações anarquistas está inventariado no livro de Lucia Silva Parra (2003). Nesses dossiês policiais encontram-se desde publicações, fotos e atas de reuniões até relatos de infiltrados em assembleias e reuniões das associações e sindicatos anarquistas. Sobre o arquivo, consultar <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/index.php>.

¹³ Em 2011, o Museu da Cultura da PUC-SP, realizou a exposição “cacs autogestionário, independente & o cacete”, sob a curadoria de Wander Wilson Chaves Junior e da diretora Dorothea Voegeli Passetti, acompanhada de mesas de debates e projeções de vídeos, a respeito da história libertária deste Centro Acadêmico.

¹⁴ <http://www.pucsp.br/cedic/>

por meio de professores vinculados à graduação e à pós-graduação em Educação e História, respectivamente Silvio Gallo e Margareth Rago, e mais tarde na Educação da USP com Doris Accioly e Lucia Bruno, responsáveis pelo Arquivo João Penteado sobre a escola moderna anarquista, os anarquismos passaram a ser alvo de estudos a partir de suas características próprias, atraindo jovens pesquisadores atentos às práticas anarquistas como redimensionamento de suas próprias existências. O mesmo ocorreu, anteriormente, na UFSC, por meio do grupo de educação coordenado por Maria Oly Pey e alguns jovens estudantes, o NAT – Núcleo de Alfabetização Técnica, com dois encontros: *Educação libertária*, em 1994, e *Encontro Internacional de Cultura Libertária*, em 2000; e na Universidade de Santa Maria (UFSM), Rio Grande do Sul, sobre *Educação Libertária*, em 1998 e 1999, pelo Grupo de Estudos Anarquistas. Coincide ainda na década de 1990, em São Paulo, a formação de arquivo de documentos anarquistas esparsos no CEDEM – Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista (Unesp)¹⁵ e a ampliação do Arquivo do Estado de São Paulo¹⁶. Na PUC-SP, a invenção do Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária)¹⁷, desde o final dos anos 1990, difunde e pesquisa a abolição do castigo e pratica anarquias. Na mesma ocasião, aparece a coleção *Escritos anarquistas* publicada pela associação da Editora Imaginário com o Nu-Sol e, nos volumes iniciais, com o Coletivo Brancalone, vinculado à SOMA, somaterapia anarquista, e ao escritor Roberto Freire¹⁸, também emergente

¹⁵ O CEDEM abriga o *Archivo Storico Del Movimento Operario Brasileiro (ASMOB)*, composto de conjunto de material relativo ao anarquismo no Brasil. Este arquivo comporta, basicamente, documentação de Astrojildo Pereira, militante anarquista que se tornou, em 1919, um dos fundadores do Partido Comunista. <http://www.cedem.unesp.br>

¹⁶ <http://www.arquivoestado.sp.gov.br>

¹⁷ <http://www.nu-sol.org>

¹⁸ Sobre Roberto Freire, ver Simões, 2011. Em 2011, realizou-se no Museu da Cul-

da década de 1980. Esta aproximação se deu por meio da publicação da revista *Libertárias*, no final dos anos 1990, por integrantes do Nu-Sol, Jaime Cubero do CCS-SP, Editora Imaginário, alguns professores e estudantes. Enfim, a movimentação universitária na década de 1990 aproximou PUC-SP, Unicamp, Unesp, UFSC aos pesquisadores da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), e mais tarde, no início dos anos 2000, à Universidade Federal Fluminense (UFF)¹⁹; mais recentemente, no início desta década, cria-se o Grupo de Estudos e Pesquisas Anarquistas na UFPB²⁰, colaborando na formação de arquivos, teses, documentos e registros de práticas contemporâneas²¹. Eles marcaram e marcam relações de amizade intensas e tensas, também solidificadas pela impressão de escritos anarquistas pela Editora Achiamé, no Rio de Janeiro, por iniciativa de seu editor Robson Achiamé, voltando-se para publicações anarquistas históricas e atuais, diferenciando-se da publicação da Editora Imaginário, dirigida para escritos de anarquistas históricos e movimento anarquista até a Revolução Espanhola. O anarcossindicalismo foi redimensionado e criticado em sua defesa pelas mais variadas federações embrionárias voltadas ao chamado *anarquismo organizado* e apareceram

tura a exposição *roberto freire: uma existência libertária*, com mesas de debates. In http://www.pucsp.br/museudacultura/img_conteudo/agenda/gr/roberto_freire.JPG

¹⁹ Cf. Deminicis e Reis Filho, 2006. O volume aponta para momentos dos primórdios do anarquismo no Brasil e foi resultado da vida breve do Grupo de Estudos Anarquistas (GEA) na UFF, com coordenação do Prof. Daniel Aarão Reis Filho. Sobre a não incorporação de pesquisadores anarquistas pela universidade, ver em especial, Vários, 2006; Passetti, 2007: 98-102; Pucciarelli, 2007.

²⁰ <http://www.cchla.ufpb.br/estudosanarquistas/>

²¹ Alguns outros encontros, no início profícuo dos anos 2000: em 2003 ocorre, no primeiro semestre, o simpósio *Um incômodo*, na PUC-SP, e no segundo semestre a *II Semana de Cultura Libertária de Fortaleza*, em Fortaleza (UFCE-UECE), as *Jornadas Libertárias* em Brasília (UnB) e o *I Simpósio de história do anarquismo no Brasil* (UFF), no Rio de Janeiro.

novas perspectivas, principalmente relacionadas às conexões, inicialmente com o pensamento de Michel Foucault, como mostra o dossiê de 1995 publicado pela revista da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP, *Margem*²², com artigos de Todd May, Salvo Vaccaro, Wilhelm Schmitt, e meu, inaugurando novas maneiras de atualização do anarquismo²³. Ao mesmo tempo, a editora Achiamé dedicava-se a publicar os arquivos e compilações de Edgard Rodrigues, um dos principais arquivistas e historiadores do anarquismo no Brasil.

Com os anarquistas históricos, os heterodoxos, os heterotópicos e os oportunistas circunstanciais, os anarquismos ganharam vida e diversidade, reiterando que a Anarquia produz múltiplos anarquismos que, como todas as implicações do sufixo *ismo*, podem gerar desconfortos, confrontos, separações e perniciosas identidades. Com empolgação e inventividade, os anarquismos reapareceram e cresceram nas décadas de 1980 e 1990 e isso se deveu, sem dúvida, às relações com universidades, por meio de arquivos, atitudes de professores, criações de núcleos, estudantes libertários, gente livre querendo invenções de liberdades e familiarizando-se com a comunicação contínua por meio da internet. São Paulo, Santa Catarina, Bahia e Rio de Janeiro indicavam as novas perspectivas, enquanto o Rio Grande do Sul, inicialmente com a FORGS (Federação Operária do Rio Grande do Sul) e depois a FAG (Federação Anarquista Gaúcha), reiterava a hegemonia do anarcossindicalismo, com seus vínculos mais diretos com Uruguai. Os anarquismos em todas estas praças, com maior ou menor ênfase, partiram da história do anarcossindicalismo brasileiro e encontraram outros fluxos de liberdade.

²² Ver Revista Margem. São Paulo: Faculdade de Ciências Sociais. V. 5, 1996, pp. 135-185.

²³ As pesquisas sobre anarquismos passaram a ter muita relação com as sugestões de Michel Foucault, principalmente as realizadas por Margareth Rago, Silvio Gallo, Maria Oly Pey e o Nu-Sol.

2. Antiglobalização, comunicação eletrônica e atualizações.

A década de 1990 trouxe, inicialmente, a incontestável novidade do uso do meio eletrônico pelo EZLN – Exército Zapatista de Libertação Nacional. Iniciou-se a produção de fluxos de convocação à participação, própria da sociedade de controle²⁴, com divulgação planetária do movimento, contestações, denúncias e emergência de novas práticas. Os anarquistas rapidamente descobriram a Internet e passaram a não só estabelecer comunicações mais rápidas e objetivas, como produziram variados sítios e provedores, fazendo da Internet a fonte de arquivos transterritoriais, incluindo o *Portal Anarquia*²⁵, vinculada à *Wikipédia*. Neste sentido, o uso das *ferramentas* eletrônicas manteve-se conectado às tecnologias de poder eletrônicos, cujos controles, entretanto, permanecem hierarquicamente verticais, provocando certo ruído com as perspectivas horizontalizadas das práticas anarquistas.

Ainda que a Internet tenha se mostrado imediatamente uma conformação rizomática, permaneceu segundo a organização arbórea de saber-poder, evidenciando o caráter democrático da convocação à participação que produz efeitos de produtividade e positivities de poder relacionados à racionalidade neoliberal. Apesar de um gigantesco arquivo, a Internet, com sítios, enciclopédias e e-mails, também configurou a produção de redes anarquistas (em especial, na América Latina, a destacar a ANARQLAT²⁶, sediada na Venezuela, a Agência de Notícias Anarquistas,

²⁴ Posterior à incorporação das sugestões libertárias de Michel Foucault, as contribuições analíticas de Gilles Deleuze passaram a ser trazidas para o interior das análises anarquistas, principalmente relacionadas à definição de sociedade de controle. Ver também Rodrigues, 2012; Uehara, 2012; Osório, Cabeleira e Lucchesi, 2012; Passetti, Oliveira, Degenszajn, Rodrigues e Augusto, 2012.

²⁵ Apesar dos usuários serem os mesmos, e do seu criador trabalhar hoje na *Wikimedia Foundation*, a *Anarcopédia* não possui nenhum vínculo com a *Wikipédia*, a não ser por meio do *Portal da Anarquia*, procedente da *Anarcopédia* e a ela conectado. <http://por.anarchopedia.org/anarquismo>

²⁶ Sobre a formação e atuação do ANARQLAT, ver Barret, 2011.

ANA²⁷, no Brasil, reproduzindo e traduzindo matérias de outros sítios e publicando entrevistas com anarquistas, e A-Infos²⁸ que divulga tanto as notícias da ANA como de outros sites anarquistas e se identifica como uma agência de notícias multilíngue de, por e para anarquistas), conexões com blogs e grandes arquivos de comunicação contínua como Facebook, Twitter, Orkut e similares redes de relacionamentos. Estes são importantes por ampliarem as possibilidades de conexões e convocações imediatas diante de situações de protestos e confrontações, como o foi desde o final dos anos 1990 com o movimento inicialmente denominado *antiglobalização*, e mais recentemente com *Los Indignados*, *Occupy Wall Street*²⁹ e as *jornadas de junho*, no Brasil³⁰.

A Internet, o grande arquivo geral da humanidade, está sob o controle de provedores vinculados a empresas, forças armadas e são principalmente regidos por Estados, centralizando as informações, fisicamente, em *data centers* privados, que governam as informações na nuvem informática. Os anarquismos se aproveitam deste dispositivo, mas ainda não ultrapassam os arquivamentos convencionais, convocações a encontros locais, regionais, nacionais e internacionais, divulgação de memórias anarquistas, produção de verbetes, anúncios de atividades e postagens gerais. Neles se encontram também resumos de encontros, textos e debates, contestações e reafirmações. Em geral nota-se, apesar da variedade, a tendência dos anarquismos a serem governados pelo programa de organização do movimento de massa, ainda sob a hegemonia do comunismo anarquista de procedência bakunista e kropotkiniana. O reverso da participação rizomática e democrática na Internet produz a

²⁷ <http://noticiasanarquistas.noblogs.org>

²⁸ <http://www.ainfos.ca/pt/>

²⁹ <http://occupywallst.org>; <https://twitter.com/#!/OccupyWallSt>;
http://www.pucsp.br/ecopolitica/galeria/galeria_ed2.html

³⁰ Ver *paisagens* neste número da revista *Ecopolítica*.

variedade de anarquismos, reconhecidos formalmente, porém devendo se ajustar ao governo dos organizados, ou seja, na Internet reproduz-se, de outra maneira, a forma moderna *partidária* ou *programática* de organização das massas por uma vanguarda, deslocada do marxismo-leninismo para o mahknovismo, bakunismo ou mesmo conectadas às contribuições mais recentes de Murray Boockchin (ainda que este se distancie, proporcionalmente, tanto do anarcossindicalismo, como forma superada de luta pela incorporação gradativa dos sindicatos às empresas e ao Estado, como das novas tecnologias eletrônicas ao elaborar sua proposta de *municipalismo libertário* (Augusto, 2012); entretanto mantém um dos mais profícuos sítios anarquistas como o do *Instituto de Ecologia Social*³¹, sediado nos Estados Unidos) e de grande influência, ao menos no Brasil. A considerar, ainda, a influência de intelectuais também procedentes das universidades estadunidenses como David Graeber³² e Andrej Grubacic, pretendendo atualizar o bakunismo; ou mesmo a de John Zerzan e do chamado *primitivismo anarquista*, renegando a história do desenvolvimento das forças produtivas em função de formas simples e simplórias de associação e alimentação natural. Zerzan e Bookchin, entretanto, são os que mais próximos se apresentam da temática ecológica contemporânea fornecendo materiais reflexivos e analíticos que podem ser incorporados para contrapor libertarismos a desenvolvimento sustentável, a nova faceta contemporânea do capitalismo, juntamente com as pesquisas recentes do Nu-Sol sobre *ecopolítica*³³.

Arquivos, portanto, são produzidos e disponibilizados na maioria dos casos a quaisquer *cidadãos*, e em poucos casos, são de acesso restrito, condicionados à aprovação prévia consentida dos dirigentes do sítio,

³¹ <http://www.social-ecology.org>

³² Sobre a produção de David Graber e as devidas repercussões políticas no anarquismo, ver Passetti, 2007: 93-97.

³³ www.pucsp.br/ecopolitica

tendo em vista preservar o *verdadeiro* anarquismo. É possível acessar com certa liberdade os arquivos físicos em universidades, institutos, assim como os disponibilizados eletronicamente; consultar textos e livros anarquistas em diversos idiomas e documentos recentes produzidos por organizações e associações libertárias. Também é admissível consultar regularmente enciclopédias históricas como a elaborada por Sébastiën Faure³⁴, publicada em 1934 (Uehara, 2010 e 2012a). Todavia são poucas as criações e verbetes atualizados; à guisa de registro específico inscreve-se o relacionado ao *abolicionismo penal*, elaborado pelo Nu-Sol³⁵, e a *Anarcopédia* (neste caso, por meio da produção compartilhada e assemelhando-se a um banco de dados aos moldes da *Wikipédia*).

Enfim, as convocações à participação levaram a grandes confrontos com o neoliberalismo, mas simultaneamente a desdobramentos dos fluxos pelos embates entre grupos anarquistas, e deram em hegemonia organizativa, fragmentação dos fluxos libertários e a nova definição da *antiglobalização* em por *outra globalização*, *altermundialismo*, enfim designações que explicitaram, de um lado, a captura de resistências e suas elaborações analíticas pelos conceitos e práticas neoliberais e globalizantes, e de outro, mas do mesmo modo, a incorporação da noção de *alternativo*, que, em suma, os adequa de maneira convencional à convocação à participação democrática, própria ao desenvolvimento sustentável e às suas alternativas. Neste quadro, o anarquismo organizado pretende ser hegemônico, verdadeiro e contundente. Como tal, ambiciona governar os demais ou confinar o que não for coletivista ao ostracismo, modo pelo qual historicamente, no passado, o coletivismo apartou-se ou

³⁴ A enciclopédia foi publicada em quatro grandes volumes contendo escritos de anarquistas de vários cantos do planeta. Faure a concebeu como parte da *educação libertária*, por isso, muitos verbetes são procedentes de concepções diversas da Anarquia, indicando, já naquele momento, a importância da multiplicidade dos anarquismos e evitando uma posição hegemônica (<http://www.encyclopedie-anarchiste.org>)

³⁵ Ver <http://www.nu-sol.org/verbetes/index.php?id=58>

subordinou o chamado anarquismo individualista. Em paralelo, reaparece o anarco-terrorismo de maneira a distinguir-se de ambos como situa a *Conspiração das Células de Fogo* (CCF, 2011), recentemente na Grécia; atitudes radicais como as das *pussy riots* na Rússia³⁶, que redimensionam as surpresas trazidas pelo movimento anarco-punk nos anos 1980-1990. Os anarquismos ainda são produtores de atitudes libertárias mais do que efetivas formas de organização e até o momento defrontam-se com as implicações hierarquizadas da comunicação eletrônica; ajustam-se aos seus procedimentos e permanecem reféns da moderna organização de conscientização das massas, pelo simulacro partidário, contrapostas às investidas heterotópicas, estas sim marcando a continuidade disjuntiva da cultura libertária. Na América Latina, as redes e conexões federativas com organizações caracterizam a atual configuração da comunicação contínua por Internet, evidenciando, como sublinhou o libertário argentino Christian Ferrer, que em qualquer lugar, nos 360 graus do atlas, sempre haverá uma pereba negra anarquista.

3. Sob os deslocamentos de fluxos.

Atravessados pelos anarquistas estadunidenses contemporâneos, em sua maioria, provenientes das universidades, e que configuram seus pensamentos principalmente a partir da crítica econômica de Marx e da crítica da política por Proudhon (raramente citado), delimitando o modo de pensar análogo ao de Mikhail Bakunin, eles situam-se próximos ao *anarquismo científico*, esforço maior de Piotr Kropotkin, para contrapor-se a Marx e ao centralismo bolchevista revolucionário, e para o qual a programática de Nestor Mahkno ajusta-se, com acréscimos e substituições recorrentes a Errico Malatesta, à construção de um referencial que se pretende *teórico* na atualidade. Almeja-se chegar a uma teoria anarquista da sociedade e da história. Tal projeto, antes de tudo, resvala nas

³⁶ http://www.pucsp.br/ecopolitica/galeria/galeria_ed5.html

incongruências que foram próprias aos momentos revolucionários do século XX, da Revolução Russa à Revolução Espanhola, vinculando práticas relativas a movimentos que se fundaram nas oscilações entre abolição do Estado e reformas de Estados nacionais diante da grande indústria e que não conseguiram atingir a internacionalização planetária proposta. As práticas anarquistas anunciaram o fracasso deste intento e produziram, simultaneamente, em seus interiores práticas autogestionárias, invenções de liberdades e críticas diretas ao centralismo que vieram a ser combatidas ao mesmo tempo pelo capitalismo e pelo socialismo autoritário. De outra sorte quando se aproximou de um governo de transição, como no caso espanhol, viu-se tragada pela estrutura de Estado, comprometendo as demais configurações anarquistas (Enzensberger, 1987). Seja pelos efeitos capitalistas produzidos como reação à revolução, cujo ápice se deu com o *welfare-state* europeu e os desdobramentos do *New Deal* estadunidense em política do Partido Democrático, pela incursão soviética minando a *Revolução Espanhola*, seja pelo fascismo apoiado pelos liberais, a reação ao socialismo autoritário soviético vinculado à política do Vaticano, ou efeitos político-econômicos internos e externos, outros grandes desdobramentos do questionamento das dominações no século XX foram produzidos pelo acontecimento 68, com repercussões planetárias, contra o consumo, totalitarismos, autoritarismos, democracias militaristas e promotoras de guerras localizadas.

68 produziu uma reviravolta. Seus desdobramentos repercutiram em dispositivos reativos que geraram novas positivities nas tecnologias de poder proporcionando a efetividade da racionalidade neoliberal, gestada desde Mont St. Pellier, na Suíça, e antes pelo Colóquio Walter Lippman, em Paris, e pela escola austríaca liderada por Ludwig von Mises, com ênfase na competição, no mercado, no fim do *intervencionismo*, no redesenho das políticas sociais do Estado e da biopolítica voltada, agora, como ecopolítica, para a parceria Estado-sociedade civil organizada,

pautada em proliferação de direitos com tolerância e confiança na segurança. 68 situou a questão da vida para além dos objetivos dos Estados nacionais e dos imperialismos e colocou o planeta no centro das discussões, redefinindo as relações com a natureza, longevidade da vida, questionamento das dominações. Entretanto, pela racionalidade neoliberal provocando a ruína no socialismo autoritário soviético ou nele se imiscuindo de maneira lucrativa, compondo com a ditadura do proletariado chinês, o planeta passou a ser o grande alvo para introduzir a economia sustentável, com controles ecológicos a média e longa distância, e principalmente redefinindo a força de trabalho como capital humano empreendedor. Sob esta configuração de conexões constantes e democráticas mudaram economia, política e cultura. Todos são convocados a participar de maneira sustentável para o *melhor* planeta, sob as *melhores* condições de vida para hoje e as futuras gerações como configuram as *Metas do Milênio* da ONU, desde o início dos anos 2000. Trata-se de uma utopia capitalista que as formas históricas do anarquismo organizado parecem ainda desconhecer ou lidar somente como efeitos ideológicos e no interior da qual desfruta do desenvolvimento das forças produtivas das máquinas cibernéticas³⁷.

Então, pelo reverso, ao mesmo tempo em que há uma visibilidade maior dos anarquismos, alguns deles são destinados ao ostracismo, e na melhor das condições, incluídos na circulação infundável dos protestos. Foi por essa via que o avesso do reverso recente veio estampado pela atualização do movimento anarco-punk pelas mulheres russas *pussy riots*, por ações de um anarco-terrorismo que não se deixa capturar por definições ultrapassadas, tal como expressa a *Conspiração das Células de Fogo*, na Grécia, ou mesmo pelas diversas tentativas de conectar as

³⁷ Um exemplo dessa maneira de se colocar como movimento diante do presente do capitalismo pode ser notado nos documentos produzidos pelo congresso de St. Imier, realizado em 2012. Ver Nu-Sol; Nelson Mendez; I.F.A, 2012.

mais variadas manifestações anarquistas como *movimento* de invenção de práticas libertárias e ao mesmo tempo de questionamento das dominações. Em outras palavras, há uma *atitude anarquista* que colide com a *conduta anarquista* esperada pelo anarquismo organizado, ou seja, enquanto este anarquismo encontra-se *governamentalizado*, as atitudes libertárias desgovernam; no entanto, um procura no ingovernável recompor práticas tradicionais anarquistas, enquanto os outros pretendem dar um fim na política; enfim, o ingovernável, fim e começo da política, encontra-se em tensão no interior dos anarquismos, entre o rumo certo das utopias e as inventividades heterotópicas. Neste sentido é que a atitude dos pesquisadores universitários, oxigenando os anarquismos com as indicações da analítica foucaultiana ou mesmo da deleuziana, produzem análises capazes de enfrentar, à revelia, tanto a pretensão teórica do anarquismo organizado, como destacar as múltiplas possibilidades de reprodução das heterotopias anarquistas.

Se os anarquismos encontram-se ainda sob a tensão entre coletivismo e individualismo, não há como afirmar que se encontram imobilizados, ainda que estejam restritos a fluxos pouco densos e incapazes de produzir força para gerar rizomas, os anarquismos ainda mantêm suas capacidades de produzir heterotopias. Cada qual à sua maneira, e outros que podem vir a se destacar por outros meios, enfrentam as condições atuais, sejam materiais ou imateriais, reproduzindo as *perebas negras*³⁸, ou mesmo trazendo para o interior dos novos movimentos de protestos práticas anarquistas que escapem da direção partidária (Newman, 2011). Nestes termos, se a oposição coletivismo/individualismo não é mais suficiente como abrangência descritiva e explicativa em relação aos anarquismos na atualidade, a noção de federação anarquista em termos proudhonianos, relacionada ao mutualismo, merece revisões e complementações, pois

³⁸ “Na sua época, o panorama futuro dos anarquistas parecia fantasioso ou inquietante, mas hoje nos parece enigmático, para não dizer hieroglífico. Se antes era meio impossível, hoje é quase impensável” (Ferrer, 2012: 19).

a oposição organização/associação não explica mais a continuidade e a proliferação de anarquismos; enfim, as oposições no interior dos anarquismos apenas repercutem as oposições exteriores produzidas pelo capitalismo: manter-se no âmbito das dicotomias é reproduzir os sentidos das dominações e buscas por hegemonias³⁹.

Os anarquismos precisam saber lidar com a diversidade, afastar-se e suprimir as oposições internas, caso queiram tratar do ingovernável como fim da política, pois mantido o atual quadro, os anarquismos tendem a funcionar como minorias no quadro institucional e governamentalizado da sociedade, muito mais disponíveis a serem capturados por lutas tópicas, próprias dos protestos, ou pelo redesenho da revolução nos moldes modernos do que atravessar as governamentalizações neoliberais, os arquivos e o atual domínio eletrônico, as novas formas da força de trabalho como capital humano, e, pelo avesso, mostrar-se como nova forma do empreendedorismo político-minoritário.

Mantendo-se no pensamento dicotômico, a oposição dialética estabelecida a partir de Murray Bookchin (1995) entre anarquismo social e anarquismo como estilo de vida passa a ser irrelevante diante das atitudes libertárias. Esta oposição ainda se presta à análise da governamentalidade anarquista, o que seria o seu aspecto convencional e acadêmico de compreensão do *movimento* e que sustenta a aspiração a uma *teoria anarquista*. Todavia, o pensamento de Bookchin, ao mesmo tempo em que informa sobre o esgotamento do sindicalismo revolucionário, nos termos do início do século passado, situa as negociações sindicais e a subalternização da fábrica à empresa, ressaltando a relevância da analítica anarquista. Nota-se que mesmo pelo campo da oposição, o anarcossindicalismo

³⁹ Ver a respeito *hypomnemata 12*, setembro de 2000, sobre a tentativa inicial de federação anarquista discutida no Brasil, mostrando tensões entre os diversos agrupamentos no Encontro Internacional de Cultura Libertária, realizado de 4 a 7 de setembro de 2000, organizado por Maria Oly Pey, na UFSC. <http://www.nu-sol.org/hypomnemata/boletim.php?idhypom=18>

encontra-se em xeque, ainda que os arquivos eletrônicos atuais enfatizem sobremaneira esta perspectiva como a do *verdadeiro* anarquismo.

4. A produção da verdade.

Os anarquismos são múltiplos e atualizam suas práticas com base no combate às relações monogâmicas vinculadas à propriedade privada ou estatal, provocando redefinição das relações amorosas, sexuais e de parentesco; reiteram novas relações com a natureza sem opor a distinção binária natureza/cultura, afirmando as relações de equilíbrio com a natureza e, por isso, são também precursores do movimento ecológico contemporâneo; os anarquismos não se equivocaram na crítica ao socialismo autoritário, mas não devem dormir sobre estas constatações históricas derivadas de análises precisas, no instante do acontecimento, de Proudhon a Bakunin e Kropotkin (e que na atualidade servem apenas de referências, com a pretensão de formulação de teoria justificadora da proliferação de discursos que pretendem afirmar, depois do marxismo, que esta será a hora do anarquismo); os anarquismos, circunscrevendo-nos ao ocidente, estão presentes nos recentes protestos europeus, estadunidenses e latino-americanos, que se pautam por manifestações apartidárias e antipartidárias, mas que podem ser capturadas a qualquer momento, pela produção de direitos e seguranças articulados à *ecopolítica*⁴⁰ estabelecida entre sociedade civil e Estado ou comunidade de Estados; os anarquismos podem e devem permanecer atentos aos movimentos sociais em escala planetária, porém desvencilhados da estabilidade produzida pela busca de ocupação de espaços ou reformas de consciência, voltando-se para desterritorializações, como de certa maneira implica a Internet. Os anarquismos produzem verdades por suas práticas autogestionárias e não por sua pretensão teórico-organizativa, ainda que estas também se justifiquem em nome da prática da autogestão e da organização

⁴⁰ Ver Passetti, 2003a; e também www.pucsp.com.br/ecopolítica.

federativa. Todavia, devem estar atentos à captura não só semântica, mas de esvaziamento dos devidos conteúdos da autogestão por parte de ONGs, fundações e institutos conectados a empresas, Estado e *comunidades locais* de pobres ao controle ecopolítico, cujo objetivo primordial é o de conter *resistências*, ocupando com estabilidade espaços urbanos e rurais (distinção que cada vez mais se torna supérflua) e reformando consciências.

A produção da verdade não se reduz a enunciados filosóficos, ao contrário, estes são produtos de lutas sociais, políticas e culturais. Ao flertarem com a filosofia contemporânea, os anarquismos muitas vezes o fazem com o intuito de nelas reiterar o já anunciado pelo próprio anarquismo desde sua emergência e, neste sentido apenas repetem, como o faz Salvo Vaccaro, a conexão entre anarquismo e relações de poder na sociedade disciplinar descrita e analisada por Michel Foucault ou mesmo Daniel Colson sobredeterminando as análises de Gilles Deleuze; em outras palavras, buscam conectar anarquismo a esta filosofia contemporânea de maneira a exercitar outra forma de captura ou mesmo complementação teórica. Todavia, a destacar, a aversão à filosofia contemporânea de procedência francesa, a partir de Bookchin e comunicada, na maioria das vezes apenas verbalmente em encontros, como conexões *nocivas*, evitando o que seria relevante do ponto de vista acadêmico para quem pretende elaborar uma *teoria anarquista*, ou seja, a incorporação do debate em suas reflexões para fazer funcionar a teoria⁴¹. Entretanto, contentam-se em traçar apenas um divisor, uma fronteira para o considerado ideologicamente espúrio.

A situação atual dos anarquismos remete analiticamente, e por outras condicionantes históricas, à recusa da sinonímia entre *anarquista* e *libertário*. Seria mais coerente distinguir, além dos atravessamentos

⁴¹ Por diversas vezes a editoria de *Verve* tentou estabelecer contato com Noam Chomsky em torno desta questão. As respostas reprisadas de sua secretária indicaram que o linguista anarquista não tinha tempo para o assunto.

constantes entre eles, o que é anarquismo hoje em dia, hegemonicamente organizado, e libertarismo, como multiplicidades de experimentações de liberdades de viés marcadamente heterotópico. Evitar a dicotomia, portanto, seria estabelecer a distinção entre a relação meramente semântica e as interpenetrações. Estaremos diante de uma *política dos anarquismos*, um começo para o ingovernável? Uma política que dissolva as relações entre maioria e minorias, portanto uma recusa à hegemonia, e adesão ao rompimento com a *consensualidade*, objetivo utópico e de certo modo autoritário subjacente no saber anarquista? Algo disso foi exposto de certa maneira convincente por Murray Bookchin, interessado em manter uma *política no anarquismo*, mas ultrapassando-a pela convivência na *diferença*. Contudo, se a consensualidade anarquista é incapaz de incorporar as diferenças, a política moderna o faz por meio da dinâmica na composição da maioria (Deleuze, 2010: 45-64); neste caso, a consensualidade seria apenas substituída pela oposição política convencional? A análise de Bookchin é certa ao indicar o problema e pretensiosa em encontrar um lugar para a política no anarquismo. A relação maioria-minoria também inclui as práticas de ostracismo, e, portanto, nesta elaboração de Bookchin se encaixariam as inverídicas práticas anarquistas heterotópicas ou do chamado por ele de *anarquismo como estilo de vida*. A sua análise reitera a capacidade de absorção das heterodoxias, e, portanto, funciona no amplo espaço consagrado das ideologias. Estamos diante deste limite colocado pela análise que pretende dar um salto para a teoria. Um salto que nada mais é do que reinscrever o platonismo e o aristotelismo, ou seja, produz-se uma inversão na hierárquica e valorativa escala platônica dos regimes políticos, com a incorporação invertida no topo com a democracia republicana, e se positiva a democracia aristotélica liberando-a dos efeitos correlatos negativos. Trata-se de um ponto de inflexão que se vislumbra para uma *política no anarquismo* sustentada em uma teoria presumidamente anarquista parida do mesmo cerne da

filosofia platônica-aristotélica sobre os regimes e com a figuração do filósofo-rei.

Uma breve reconstrução de um percurso inverso, ou seja, de uma *antipolítica anarquista* em função da pertinência do *ingovernável*, nos remeteria a Etiènne de la Boétie, Willian Godwin, Max Stirner, e mais recentemente a Paul Goodman e John Cage (para citarmos outra referência universitária e não universitária evitadas ou esquecidas pelos “teóricos” estadunidenses), assim como no Brasil, apesar de sua formação anarcossindicalista, a de Jaime Cubero, pela sua atitude radical atijando libertarismos na coordenação do CCS-SP, trazendo para o interior da cultura libertária não só os pesquisadores e professores, mas o movimento punk, as experimentações da somaterapia, os feminismos, o movimento gay, os vínculos com *O inimigo do rei*, as proximidades com núcleos libertários universitários e demais associações anarquistas, produzindo uma polifonia ruidosa e ativa. Neste sentido é que anarquistas e libertários são distintos e ao mesmo tempo se atravessam como atitude anarquista. Neste sentido, insisto, é que os arquivos anarquistas deixam de ser material de consulta para fazer parte da experimentação de vida de pessoas e seus grupos, e que, por conseguinte, dissolvem os chamados *grupos de afinidades*, modo pelo qual se consolida uma fronteira, e se estabelece uma política que finda o ingovernável e se autoriza o reconhecimento do outro, portanto a legitimidade de uma autoridade centralizada.

Os arquivos físicos e eletrônicos, governamentais ou pessoais, devem estar franqueados a quem busca liberdade livre de autoridade central e de condutores de consciência, guardadas as precauções contra invasores reativos. Para os candidatos a pastores de rebanhos, discípulos, aspirantes a chegar ao centro do poder, seja comunista, liberal ou anarquista, as técnicas de metamorfose de hierarquias em círculos concêntricos apenas renovam governamentalidades (Passetti, 2006; Passetti e Augusto: s/d). A programática se tornou regra; é aos programas que as condutas devem

se ajustar para serem governadas; é às convocações que o rebanho deve democraticamente caminhar para a participação, seja ela econômica, social ou política. As formas da participação na produtividade e no governo da vida devem ser contínuas e incessantes, envolvendo o *controle de si e dos outros* (Passetti, 2007a). É assim que as resistências se metamorfoseiam em *resiliências*, ou seja, expectativas de um sujeito adaptável, inovador, participativo e flexível na sociedade de controle. Estas características da resiliência (Oliveira, 2012) operam em sintonia com a racionalidade neoliberal e, conseqüentemente, definem o empreendedorismo, contaminando as relações anarquistas, não mais pela docilidade das disciplinas, mas pela participação *inteligente* nos variados programas. Não há teoria que seja revolucionária diante de tal situação, senão analiticamente compreendida como parte constitutiva do discurso da verdade que adveio com a filosofia platônica, o neoplatonismo cristão, a dialética hegeliana e suas variações flexíveis.

Os arquivos são para os anarquistas apenas um meio de atíça-los à liberdade; devem provocar a necessária contundência diante da cultura do castigo que redundava sempre em regime da dívida infinita, da fidelidade que justifica os trapaceiros e traidores, da necessidade da prisão e dos asilos, do que irremediavelmente nenhum direito será capaz de equacionar, tampouco um ideal de justiça social. O direito é sempre o exercício da força vencedora, é a forma que a luta pela vida moderna encontrou para amenizar situações díspares e socialmente inaceitáveis, mas que jamais foi capaz de conter o insuportável. O direito, como expunha Proudhon (Proudhon, 2011; Gros, 2009; Rodrigues, 2010; Resende e Passetti, 1982), somente tem sentido relacionado a um objeto, e, portanto, livre do seu universalismo. Neste sentido é que o anarquista e o libertário buscam um direito antissoberania, assim como sublinhou Michel Foucault, inquirindo o rompimento com o direito fundado na força e na verticalidade. As confluências das analíticas somam e potencializam. Ainda somos reféns

do cânon humanista kantiano em que o Estado permanece como a categoria do entendimento.

5. Da memória operária anarquista

A preservação dos arquivos anarquistas, no Brasil, principalmente pelas medidas de acolhimento das universidades, produz uma duplicidade. De um lado, estão disponíveis às pesquisas que propiciam a ascensão no meio acadêmico, independentemente do viés ideológico; produzem um discurso cada vez mais ampliado e amplificado a respeito da história e memória da classe operária no Brasil. De outro lado, abrem-se para as múltiplas realizações heterotópicas das práticas operárias anarquistas evidenciando, a um pesquisador atento, suas produções sintonizadas com a época, e com anúncios de uma utopia realizável. Os arquivos encontram-se sob o governo das universidades estatais, e neste caso, deve-se salientar que a hegemonia marxista entre os seus docentes, limita a expansão destes arquivos, como acontece com o Arquivo Edgard Leuenroth, na Unicamp, o CEDEM da Unesp, e mesmo os arquivos da Biblioteca Nacional e o Arquivo Nacional. Mas isso é efeito da luta na produção da verdade. Quanto aos arquivos na Internet, mais atuais e que devem postar resultantes de práticas anarquistas e libertárias, eles o fazem, com a ressalva indicada anteriormente, pelos que exigem internautas abonados por autoridades consideradas anarquistas. Eles ainda encontram-se *presos* aos provedores centralizadores e de controle de informação. Todavia, essa pode ser uma situação precária inicial, a ser superada adiante. O importante é que eles fornecem material suficiente aos anarquistas e pesquisadores para levarem adiante suas perspectivas utópicas ou heterotópicas. Expressam, também, a distinção necessária a ser estabelecida, no momento, entre anarquistas e libertários, apesar das rotineiras interpenetrações. Mostram os efeitos da hegemonia dos intelectuais estadunidenses que repaginaram o bakuninismo e que situam

a eventual emergência de uma teoria anarquista da sociedade. Trata-se, agora, de estabelecer análises a respeito da metamorfose da classe operária, sob as condições atuais do capitalismo que se configura cada vez mais forte como sustentável, no qual a força de trabalho se transforma em capital humano, por meio das conexões entre sociedade civil e Estado, não mais tomadas como estruturas distintas.

Sob estas condições de produção e do pensamento novas memórias tendem a ser descritas, porém a ainda insipiente condição de sua produção não indica marcantes reviravoltas, a não ser a indicada pela aproximação dos anarquismos com a universidade. E, neste caso, a sublinhar, a procura cada vez maior por cursos de graduação e pós-graduação pelos militantes anarquistas, pois é isso que a sociedade de controle exige. Não mais o intelectual profeta procedente do Iluminismo— ainda que esta seja a aspiração de muitos —, mas a presença *ativista* do intelectual *modulador* (Passetti, 2011), conectando programações voltadas a localizar resistências e modificá-las como *resiliências*. Neste sentido, as pesquisas sobre história e memória das práticas anarquistas, devem estar atentas ao que dela espera a universidade e o Estado, e o que pesquisadores universitários anarquistas e libertários *querem* destes arquivos para além das ideologias e aquém das verdades verdadeiras, para situarem indícios do ingovernável (uma política anarquista ou uma *antipolítica*) e não mais somente vestígios do que foi no passado a presença marcante do movimento anarquista na formação da classe operária. É voltar a estes arquivos para marcar e remarcar as práticas heterotópicas de época e ao mesmo tempo as heterotopias de percursos na atualidade, dissolvendo a oposição elaborada pelo pensamento entre anarquismo social e anarquismo como estilo de vida. É assim que os arquivos e bibliotecas deixarão de ser propriedades pessoais e de grupos, para manter-se como monumento que sempre foi como acervos disponibilizados às novas práticas libertárias e anarquistas, até que em um exato instante, as duas designações voltem

a ser a sinonímia encontrada em momento conturbado por Sébastien Faure e Louise Michel.

Bibliografia

- AUGUSTO, Acácio (2012). “Municipalismo libertário, ecologia social e resistências”. In *Revista Ecopolítica*, n.2, pp. 64-98. São Paulo: PUC-SP. <http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/9076/6684>
- AQUINO, Gustavo Ramus de (2011). *Anarquismos, cristianismo e literatura social no Brasil (1890-1938)*. São Paulo: PUC-SP (Dissertação de Mestrado). http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=12866
- AZEVEDO, Raquel de (2002). *A resistência anarquista: uma questão de identidade (1927-1937)*. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial.
- BAQUEIRO, Carlos e NUNES, Eliene (S/D). *xs*. Rio de Janeiro: Achiamé/Núcleo de Pesquisas Marques da Costa.
- BARRET, Daniel (2011). *Los Sediciosos Despertares de La Anarquia*. Buenos Aires: Libros Anarres/Terramar Ediciones/NORDIN.
- BOOKCHIN, Murray (1995). *Social anarchism or lifestyle anarchism: the unbridgeable chasm*. San Francisco: AK Press.
- CONSPIRACIÓN DE CÉLULAS DEL FUEGO (CCF) (2011). *La vigência de la negación y la sóbria sinceridade de nuestras intenciones*. Nuestronuevoscomplots.
- DÉLEUZE, Gilles (2010). “Um manifesto de menos”. In *Sobre o teatro: Um manifesto de menos; o esgotado*. Tradução de Fátima Saadi, Ovídio de Abreu e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 45-64.
- DEMNICIS, Rafael Borges e FILHO, Daniel Aarão Reis (Orgs) (2006). *História do anarquismo no Brasil*. Volume I. Niterói: EDUF
- EZENSBERGER, Hans Magnus Enzensberger (1987). *O curto verão da anarquia: Buenaventura Durruti e a Guerra Civil Espanhola*. Tradução de Márcio Suzuki. São Paulo: Companhia das Letras.
- FERRER, Christian (2012). “Os antípodas. O futuro das publicações anarquistas de outrora”. In *Revista Verve*, n. 21, pp. 13-21. São Paulo: Nu-Sol.
- FOUCAULT, Michel (2000). “Sobre a arqueologia das Ciências. Resposta ao Círculo Epistemológico”. In: *Manoel Barros da Mota (org). Michel Foucault. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento Coleção Ditos e escritos II*. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, Michel (2001). “Outros espaços”. In: *Manoel Barros da Mota (org). Michel Foucault. Estética, literatura, pintura, música e cinema. Coleção Ditos e escritos III*. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- GROS, Frédéric (2009). *Estados de violência. Ensaio sobre o fim da guerra*. Tradução de José Aparecido da Silva. Aparecida-SP: Idéias e Letras.
- JONG, Rudolf de (1996/1997). “Arquivos e história social”. In: *Cadernos AEL*, n.5/6, pp. 10-36 . Campinas: Arquivo Edgard Leuenroth. http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/viewFile/119/125 (consultado em 01/09/2013).
- MOREL, José Carlos (2005). “Centro de Cultura Social, uma prática anarquista”. *Revista Verve*, n.7, , pp.209-213. São Paulo: Nu-Sol.
- NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino (2006). *Indisciplina: experimentos libertários e emergência de saberes anarquistas no Brasil*. São Paulo: PUCSP (Tese de doutorado).
- NEWMAN, Saul (2011). “A servidão voluntária revisitada. A política radical e o problema da auto-domação”. *Revista Verve*, n. 20, pp. 23-48. Nu-Sol: São Paulo.

- NU-SOL; MENDEZ, Nelson e I.F.A (2012). "Dossiê St. Imier" in *Revista Verve*, n.22, pp. 13-62 . São Paulo: Nu-Sol.
- OLIVEIRA Salete. "Política e resiliência. Apaziguamentos distendidos". In *Revista Ecopolítica* n. 4. São Paulo: PUC-SP, 2012, pp.105-129. <http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/13067/9568>
- OSORIO, Sofia; CABELEIRA, Mayara de Martini e LUCCHESI, Flávia (2012). "Verve, 10 anos" In: *Revista Verve*, n.21, pp. 338-374. São Paulo: Nu-Sol.
- PARRA, Lucia Silva (2003). *Combates pela liberdade, o movimento anarquista sob a vigilância do Deops-SP (1924-1945)*. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- PASSETTI, Edson (2002). "Heterotopias anarquistas". In: *Revista Verve*, n. 2, São Paulo: Nu-Sol, 2002, pp.141-173. São Paulo: Nu-Sol.
- _____ (2003). "Vivendo e revirando-se. Heterotopias libertárias na sociedade de controle". In: *Revista Verve*, n. 4, pp. 32-55. São Paulo: Nu-Sol.
- _____ (2003a). *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo: Cortez.
- _____ (2006). "De conversa em conversa: *parrhésia* anarquista". In: *Revista Utopia*, n. 21, pp. 77-84. Lisboa.
- _____ (2007). *Anarquismo urgente*. Rio de Janeiro Achiamé.
- _____ (2007a). "Poder e Anarquia: Apontamentos libertários sobre o atual conservadorismo moderado". In: *Revista Verve*, n. 12, pp. 11-43. São Paulo: Nu-Sol.
- _____ (2011). "Foucault em transformação". In Lucia Bogus, Simone Wolff e Vera Chaia (orgs). *Pensamento e teoria nas Ciências Sociais*. São Paulo/Brasília: Educ/Capes.
- PASSETTI, Edson e AUGUSTO, Acácio (s/d). "Para dar um fim aos sábios juízos". <http://www.nu-sol.org/agora/agendanota.php?idAgenda=268> (Consultado em 02/09/2013)
- PASSETTI, Edson; OLIVEIRA, Salete; DEGENSZAJN, André; RODRIGUES, Thiago e AUGUSTO, Acácio (2012). "Liberdade com verve" In: *Revista Verve*, n.21, pp. 395-409. São Paulo: Nu-Sol.
- PROUDHON, Pierre-Joseph (2011). "A Guerra e a paz". In *Revista Verve*, n. 19. pp. 23-71. Tradução de Thiago Rodrigues. São Paulo: Nu-Sol.
- PUCCIARELLI, Mimmo (2007). *Claire l'WEnragée*. Atelier de Création Libertaire: Lyon
- RESENDE, Paulo e PASSETTI, Edson (1982). *Proudhon*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática.
- RODRIGUES, Edgard (2007). *Memórias Incompletas*. São Paulo: Opúsculo Libertário.
- RODRIGUES, Thiago (2010). *Guerra e política as relações internacionais*. São Paulo: EDUC.
- _____ (2012). "Verve, única" In: *Revista Verve*, n.21, pp.323-337. São Paulo: Nu-Sol.
- SIMOES, Gustavo Ferreira. *Roberto Freire: tesão e anarquia*. São Paulo: PUCSP, 2011. (Dissertação de Mestrado) http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=12994
- _____ (2007). "Por uma militância divertida: *O inimigo do Rei*, um jornal anarquista". In *Revista Verve*, n. 11, pp. 168-181. São Paulo: Nu-Sol.
- UEHARA, Luíza (2010). "A presença de *La Ruche*: experiências anarquistas". In *Revista Verve*, n. 18, pp. 93-107. São Paulo: Nu-Sol.
- VÁRIOS (2006). *L'Anarchisme en Personnes*. Atelier de Création Libertaire: Lyon, 2006, 397 p, c/ ilustrações.